

GENOCÍDIO: AS RAÍZES HISTÓRICO-SOCIAIS DO CONFLITO CIVIL RUANDÊS (1994)

Victor Coelho de Almeida

Resumo

No ano de 1994 ocorreu em Ruanda um conflito civil que envolveu os grupos tutsis e hutus. O conflito foi considerado genocídio por ter aproximadamente 800 mil pessoas mortas em cerca de cem dias (7 de abril de 1994 à julho de 1994). O objetivo do presente artigo é discutir o desenvolvimento desse conflito civil e analisar a construção de representações sobre o ocorrido no filme *Sometimes in April* (2005).

Palavras Chave: Ruanda, tutsi, hutu, conflito civil, *Sometimes in April*

Abstract

In the year of 1994 a civil conflict broke out between the Tutsi and Hutu groups in Rwanda. The conflict was considered genocide by having approximately 800,000 people killed in about a hundred days (April 7, 1994 to July 1994). The purpose of this article is to discuss the development of this civil conflict and to analyze the construction of representations about what occurred in the movie *Sometimes in April* (2005).

Key-Words: Rwanda, tutsi, hutu, civil conflict, *Sometimes in April*

Introdução:

No ano de 1994 ocorreu em Ruanda um dos maiores genocídios do século XX, perdendo mais de 825.000 vidas em um total populacional aproximado de 7.500.000 habitantes. Estas 825.000 almas correspondem a 11% da população Ruandesa e $\frac{3}{4}$ da população tutsi (825.000 de 1.100.000).¹ O objetivo do presente artigo é analisar o desenvolvimento da Guerra Civil Ruandesa de 1994, bem como discutir e combater visões estereotipadas e minimalistas a respeito do conflito corriqueiramente visto apenas como um conflito étnico. Além disso,

¹MENDONÇA, Maria Gusmão de. O Genocídio em Ruanda e a Inércia da Comunidade Internacional. **Brazilian Journal of International Relations**. vol.2, nº2, 2013 pp.300-328

analisaremos como o evento histórico foi representado cinematograficamente através do filme *Sometimes in April*.

Grupos sociais em Ruanda

É possível encontrarmos uma narrativa que se sustenta na ideia que tutsis e hutus são grupos sociais distintos e rivais desde sua origem, e que o genocídio de 1994 foi um reflexo disto. Tal visão superficial e acrítica foi difundida no imaginário social nos anos 2000 pela cinematografia. Em 2004 foi lançado o filme “*Hotel Ruanda*”, em 2005 “*Tiros em Ruanda*”, no mesmo ano saiu “*Abril Sangrento*”². O fio condutor de todos os filmes explora a história do genocídio ocorrido. O interesse do Ocidente sobre o mesmo, aguçou essas, e outras produções, que por muitas vezes essencializaram e estereotiparam a história de Ruanda.

O primeiro ponto nevrálgico para combater esta visão diz respeito sobre considerarmos a fluidez das divisões sociais em Ruanda, tendo em vista que tutsis e hutus tinham diversas relações sociais, conviviam e partilhavam da mesma língua, costumes e espaços geográficos. Na sociedade ruandesa, conhecida como *banyarwandas*, ¼ dos ruandeses tem bisavós hutus e tutsis e sua composição se dá por aproximadamente 85% hutus, 14% tutsis e 1% de outros grupos.³ Nesta sociedade, tutsis e hutus eram grupos sociais distintos: tutsis eram criadores de gado, enquanto hutus, agricultores, majoritariamente. O fato destas divisões “tornarem-se” étnicas é um exemplo da demanda imperialista europeia de “dividir para dominar”⁴. Deste modo, em confronto com esta disposição de narrativa, discutiremos alguns pontos relevantes da história ruandesa, começando pelas relações político-sociais.

Segundo Maquet, na crença ruandesa, as vacas são animais sagrados e representam riqueza e poder⁵. Neste ponto, muitos tutsis –criadores de gado – detinham prestígio, enquanto agricultores hutus, pagavam tributos aos tutsis, com parcelas de suas colheitas, em troca de proteção e direito ao uso das vacas sagradas⁶.

Esta diferenciação se acentuou quando Rwabugiri (tutsi) subiu ao posto de chefe *mwami* – chefes locais, que passavam a ser considerados divindades absolutas, a própria reencarnação

²Original: *Hotel Ruanda* (2004); *Shooting Dogs* (2005); *Sometimes in April* (2005).

³MENDONÇA, Maria Gusmão de. O Genocídio em Ruanda e a Inércia da Comunidade Internacional. **Brazilian Journal of International Relations**. vol.2, nº2, 2013 pp.300-328

⁴WESSELING, H. L. **Dividir para Dominar: a partilha da África (1880-1914)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

⁵MENDONÇA, Maria Gusmão de. O Genocídio em Ruanda e a Inércia da Comunidade Internacional. **Brazilian Journal of International Relations**. vol.2, nº2, 2013 pp.300-328

⁶MAQUET, J. J. El reino de Ruanda In: FORDE, Daryll, org. **Mundos africanos**. México: Fondo de Cultura Económica, 1975. p. 249-251 apud MENDONÇA, Maria Gusmão de. O Genocídio em Ruanda e a Inércia da Comunidade Internacional. **Brazilian Journal of International Relations**. vol.2, nº2, 2013 p.303.

de Ruanda – e instituiu em um governo centrado em campanhas políticas e militares, objetivando a expansão territorial, além de favorecer os tutsis, grupo no qual fora proveniente.

Assim, a diferença inicialmente social, estendeu-se ao campo político, com Rwaburigi legando os cargos militares e burocráticos mais elevados aos tutsis e subordinando hutus. Outro ponto a ser destacado à respeito do reinado de Rwaburigi é que foi durante o seu governo que se deu o contato com o imperialismo europeu que assolava o continente africano no século XIX.

Ruanda era um reino centralizado. No entanto, seu território foi delimitado pelos desígnios imperialistas durante as Conferências de Berlim (1884-1885), materializando o que ficou conhecido grosso modo como “Partilha da África”. Junto ao Burundi, país vizinho, Ruanda foi destinada à Alemanha. Em 1894 foi visitada pelos europeus, com a chegada do Conde Von Götzen e submetida ao projeto colonial a partir de 1897, com a instalação de postos administrativos para um governo indireto de Ruanda.

Vale destacar que a relação entre tutsis e colonizadores europeus não se deu somente na colonização Belga, como muito se diz quando se discorre a respeito do colonialismo em Ruanda, pois mesmo por pouco tempo Ruanda foi colônia alemã (antes de ser colônia da Bélgica). A Alemanha perdeu este território quando derrotada na Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Em 1895, quando o *mwami* Rwaburigi faleceu, os tutsis entraram em conflito pela sucessão ao trono e, dentre estes, os candidatos dos clãs menores apoiaram a colonização alemã em prol de seus interesses, como trocas de proteção e maior autonomia. Isto lhes permitiu uma maior posse de terras e poder sobre os hutus, ampliando ainda mais a diferença social existente.

Durante o período em que o território ficou sob controle dos belgas, ocorreu um aprofundamento da distância entre esses grupos sociais, atrelado a um critério racial. Em início do século XX, o Darwinismo Social, amplamente discutido nas academias europeias, e utilizado como legitimador do Imperialismo junto da eugenia, foi empregado para diferenciar tutsis de hutus.

Uma medida tomada pelos colonizadores foi aliar-se aos grupos que fossem de seus interesses. Assim, após 1918, os belgas viram os tutsis como uma “etnia” superior e privilegiada – baseados nas posições de poder que já detinham. Tutsis e hutus além da relação de criadores de gado e agricultores, foram considerados como “raças” superior e inferior, dominante e dominada. Os belgas, amparados pelo poder da igreja Católica, apoiaram o governo tutsi local, ampliaram seu poder e desmancharam as estruturas sociais que garantiam autonomia local aos hutus; em contrapartida, o governo tutsi acentuou a exploração por meio do trabalho

compulsório, cobrança de impostos e moldaram o sistema educacional de forma a promover a discriminação étnica, subjugando os hutus.

“Em 1931, o governo belga e a Igreja Católica promoveram a deposição do *mwami*, e empossaram em seu lugar Rudahigwa, que se converteu ao catolicismo e renunciou à sua condição de divindade. Em seguida, houve uma verdadeira corrida para a conversão, e Ruanda logo se tornou o país mais católico da África. Pouco depois, entre 1933/1934, os belgas realizaram um censo com a finalidade de emitir documentos de identidade étnica, o que acabou por permitir que a metrópole aperfeiçoasse a administração com base na segregação.”⁷

Com a segregação e perda gradativa de direitos, os hutus nutriram um sentimento de revolta contra os tutsis e a administração Belga que, depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), passou a ser supervisionada pela ONU. Deste modo, no pós Segunda Guerra organizações hutu começaram a se rebelar: seja pela revolta acumulada contra tutsis, seja pelo contexto histórico que o continente africano vivia no pós guerra (com os processos de independências); ou seja: um período de disputas pelo poder.

A Manutenção do Ódio

Os eventos precedentes ao conflito civil não devem ser analisados somente a partir da cronologia dos fatos, mas também levando em consideração o âmbito ideológico. Vale destacar desde já que pessoas como Habyarimana, da oligarquia *Akazu* – conhecida como “*le clan de Madame*” -, o MRND (Movimento Republicano Nacional pela Democracia e Desenvolvimento), as FAR (Forças Armadas de Ruanda), o Cel. Théoneste Bagosora, a RTLM (*Radio Télévision Libre des Mille Collines*) e o Poder hutu, são peças-chave para a compreensão da escalada de violência décadas antes do genocídio.

Baseando-nos na literatura sobre os antecedentes do genocídio de 1994, consideramos que a materialização dos sentimentos de revolta dos *hutus* frente a administração belga e os *tutsis*, teve início em 1957 através do Manifesto hutu que, ao mesmo tempo que pôs o colonialismo em xeque por exigir um governo democrático em Ruanda, promoveu um discurso de ódio aos *tutsis*. Para os partidários do Manifesto hutu, os tutsis eram uma minoria invasora e Ruanda era, por direito, uma nação hutu. Um inimigo fora criado, e os ânimos aflorados. A carteira de identidade, criada ainda na época da colonização alemã, foi o método utilizado para

⁷ MENDONÇA, Maria Gusmão de. O Genocídio em Ruanda e a Inércia da Comunidade Internacional. **Brazilian Journal of International Relations**. vol.2, nº2, 2013 p.307

saber quem pertencia aos grupos, uma vez que as carteiras portavam a “etnia” à qual os indivíduos pertenciam.

Aqui temos o início de uma cisão social que culminará no morticínio de 1994. Ratificamos que o corrido não foi um fato isolado, mas resultante de uma série de fatos e processos históricos. Deste modo, podemos salientar alguns eventos que nos permite visualizar as articulações para a eclosão do genocídio em Ruanda.

Em 1º de novembro de 1959, militantes tutsis se revoltaram com as arbitrariedades de Dominique Mbonyumutwa -um hutu subchefe administrativo da província de Gitarama- e o espancaram. Em contrapartida, extremistas hutu forjaram a notícia que Dominique fora assassinado pelos tutsis, causando um ataque generalizado contra tutsis em menos de 24 horas. Um dos maiores entusiastas desta rebelião foi o coronel belga Guy Logiest.

Em 1960, o *mwami* faleceu por motivos de doença. Os tutsis espalharam a notícia de que fora envenenado. O coronel Guy Logiest aproveitou-se do momento de tensão e promoveu um Golpe de Estado no qual substituiu tutsis por hutus nos cargos de comando do governo, dentre eles Kayibanda, um dos autores do Manifesto hutu de 1957, empossado presidente, deu prosseguimento à revolução que iniciou.

Neste momento temos o nome precursor do genocídio de 1994:

“O objetivo [de Kayibanda] era claro: os hutus deveriam matar os *inyenza* (que significa baratas, como eram chamados os tutsis), permitindo a manutenção da hegemonia hutu. Assim, em dezembro de 1963, por ocasião de mais uma invasão de tutsis a partir do Burundi, o governo declarou estado de emergência e passou a organizar unidades hutus de auto-defesa. Em consequência, ocorreu um verdadeiro massacre de tutsis entre dezembro/1963 e janeiro/1964. Diante da perseguição, calcula-se que, em meados de 1964, cerca de 250 mil tutsis haviam fugido do país. É preciso assinalar que, já nesta ocasião, lideranças religiosas católicas e de organizações humanitárias foram acusadas de cumplicidade com o morticínio.”⁸

O sentimento de ódio e o desejo de “matar os *inyenza*” foi generalizado e, em 1972, os hutus do Burundi (vizinho de Ruanda, onde os hutus conseguiram manter sua hegemonia) iniciaram uma rebelião contra os tutsis que, apesar de sufocada, gerou uma represália: uma campanha de extermínio dos hutus mais instruídos. Esta campanha, resultou no assassinado de 100 mil hutus e na fuga de 200 mil hutus para Ruanda. Muitos destes, fariam posteriormente parte das *interhamwes* durante o genocídio junto dos hutus de origem ruandesa, não apenas pelo estímulo governamental, mas também por ressentimentos nutridos contra os tutsis.

A população de refugiados agravou o fornecimento de alimentos e aumentou a disputa por terras. Para solucionar o problema, Kayibanda encarregou o chefe do exército, o General

⁸ *Ibidem*.p.308

Juvénal Habyarimana, de organizar os Comitês de Defesa Pública, o que resultou na fuga de 100 mil *tutsis* do país, reduzindo assim a fome, o conflito por terras e dando cabo ao plano de construir uma nação hutu, como idealizado pelo Manifesto hutu de 1957. A imagem do general Habyarimana foi fortalecida; o que facilitou o Golpe de Estado de 1973, no qual proclamou-se presidente e organizou o MRND (Movimento Revolucionário Nacional pelo Desenvolvimento); um movimento que mediou associações civis, organizou cerimônias de exaltação e demonstração de lealdade ao partido hutu e manteve a segregação dos *tutsis*. Essas medidas deram início ao Estado Totalitário em Ruanda, que inflamou as tensões étnicas por conta das condições econômicas difíceis, junto da ameaça de invasão da FPR (Frente Patriótica Ruandesa), que deveria ser combatida pelas FAR (Forças Armadas Ruandesas).

O MRND e as FAR funcionaram como forças de opressão paraestatal a serviço dos interesses hutus, dentre eles a família de Agathe Kanzinga – esposa do general Habyarimana, então presidente –, conhecida como *Akazu*. Esta família, muitas vezes vista como uma organização, teve papel central na criação e difusão do que ficou conhecido como “Poder Hutu”, massivamente divulgado por meio da Rádio *Milles Collines* (RTLTM).

A oligarquia *Akazu* reviveu o mito hamítico inserido pelos europeus, difundindo a idéia de que as relações entre *tutsis* e hutus é uma relação de perseguição, dominação e conflitos étnicos e que Ruanda é pequena demais para abrigar povos tão distintos. Para a oligarquia *Akazu* e seus partidários, em 1959, os hutus cometeram um erro: o de permitir que *tutsis* fugissem do país em vez de exterminá-los.

Vale destacar que a partir de 1975, dois anos após o golpe, os governos da Bélgica e França passaram a fornecer ajuda financeira e militar ao governo de Habyarimana. Ruanda estava independente, porém, a influência de países europeus persistia em seu território junto do clima de tensão da Guerra Fria.

Internamente o governo de Habyarimana sofria investidas da oposição. Dentre elas, o periódico *Kangura*, que significa “fazer despertar” merece especial destaque, pois serviu como veículo de suporte para duras críticas ao governo, além de pregar que a realidade ruandesa deveria ser analisada a partir do viés econômico e não étnico, como o general defendia.

“Diante da crise econômica, o governo ruandês pediu auxílio ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e ao Banco Mundial (BIRD), que imediatamente exigiram a implantação de duras medidas de ajuste, tais como cortes no orçamento de 1989, aumento de impostos e ampliação do trabalho compulsório. Por outro lado, na mesma época, chuvas torrenciais agravaram as condições, criando-se bolsões de fome no país. A situação tornou-se tão difícil que aproximadamente 60% do orçamento de Ruanda provinham de ajuda externa.

Nesse mesmo ano, o fim da guerra fria significaria mais um golpe para o governo de Habyarimana e seu grupo, pois imediatamente as potências ocidentais –

principalmente a França - passaram a condicionar a continuidade da ajuda externa à democratização do país. Assim, em junho de 1990, o governo ruandês viu-se obrigado a ceder, anunciando o estabelecimento de um sistema multipartidário, embora a Akazu procurasse ampliar o controle sobre a máquina estatal. Dessa forma, no início de 1990, Agathe Kanzinga convenceria os líderes da Akazu a lançar o jornal Kangura, em defesa do governo. O editor contratado foi Hassan Ngeze.”⁹

Em 1º de outubro de 1990, a Frente Patriótica de Ruanda (FPR) – um exército guerrilheiro composto por exilados de Uganda, invadiu Ruanda, declarando guerra a Habyarimana. Este ataque foi o pretexto que a *Akazu* serviu com estopim para a perseguição e posterior matança dos tutsis – tudo sob a égide do Habyarimana.

Em dezembro de 1990, foram lançados os *10 Mandamentos hutus*, divulgados por todo o país, motivando perseguições e instigando o clima de desconfiança contra tutsis. Os hutus absorviam cada vez mais os ideais disseminados pela *Akazu*, o que agravou as tensões sociais em Ruanda. Nos dez mandamentos encontramos as seguintes constatações:

1. Todo hutu deve saber que uma mulher tutsi, seja ela quem for, serve ao interesse do grupo étnico tutsi. Assim sendo considerado traidor qualquer hutu que:
 - desposar da mulher tutsi
 - ajudar uma mulher tutsi
 - empregar uma mulher tutsi como secretária ou concubina
2. Todo hutu deve saber que nossas filhas hutus são mais adequadas e conscientes em seu papel de mulher, esposa e mãe de família. Que elas são bonitas, boas secretárias e mais honestas.
3. Mulheres hutus, sejam vigilantes e procurem abrir os olhos de seus maridos, filhos e irmãos.
4. Todo hutu deve saber que todo tutsi é desonesto nos negócios. Seu único objetivo é a supremacia de seu grupo étnico. Assim sendo, qualquer hutu que pratique as ações abaixo mencionadas é traidor:
 - ter sociedade com um tutsi em um negócio;
 - investir seu dinheiro ou dinheiro do governo em uma empresa tutsi;
 - emprestar dinheiro a um tutsi ou tomar dinheiro emprestado de um tutsi
 - favorecer a um tutsi nos negócios (concedendo licenças de importação, empréstimos bancários, canteiros de obras, mercados públicos...)
5. Todos os cargos estratégicos, políticos, administrativos, econômicos, militares e de segurança devem ser ocupados por hutus.
6. No setor de educação (escolares, estudantes universitários, professores) a maioria deve ser hutu.
7. As Forças Armadas Ruandesas devem ser exclusivamente formadas por hutus. A experiência de outubro [1990] nos ensinou uma lição. Nenhum militar deve casar-se com uma tutsi.
8. Os hutus devem parar de ser clementes com os tutsis.

⁹ *Ibidem*. P.310

9. Os hutus estejam onde estiverem, devem ter união e solidariedade, e se interessar pelo destino de seus irmãos hutus:

- Os hutus dentro e fora de Ruanda devem constantemente procurar amigos e aliados para a causa hutu, começando por seus irmãos bantos;
- Devem opor-se constantemente à propaganda tutsi;
- Os hutus devem ser firmes e vigilantes contra seu inimigo comum, os tutsis.

10 A Revolução Social de 1959, O Referendo de 1961 e a Ideologia hutu devem ser ensinados a todo hutu em todos os níveis. Todo hutu deve disseminar amplamente essa ideologia. Todo hutu que perseguir seu irmão hutu por ter lido, disseminado e ensinado essa ideologia é traidor.¹⁰

Em 1991, a FPR tentou um novo avanço em território ruandês e conseguiu tomar Ruhengeri, cidade natal de Habyarimana – vitória esta que durou pouco tempo, pois François Mitterrand, então presidente da França, enviou um contingente de paraquedistas para conter o avanço da FPR. Após esta vitória, o governo ruandês – apoiado pela França, Egito e África do Sul, que lhe enviavam armas-, adotou uma nova estratégia: formou milícias compostas por civis afetados pela crise econômica e inflamados pelo discurso de ódio contra os tutsis. Este movimento ficou conhecido como *Interahamwe* “aqueles que lutam juntos”.

Em 1992, em clima de tensão ocorreu assassinatos de tutsis. Supunha-se que os tutsis planejavam uma perseguição sistemática aos hutus que, organizados em *interhamwes* na cidade de Bugesera, mataram 300 tutsis em três dias enquanto o Estado tomava terras dos mortos. Frente a esta sucessão de fatos, observamos como as ideias difundidas por *Akazu* influenciou diversos hutus, que se mobilizaram em um clima de profunda tensão política e social.

Em agosto de 1993, o governo Ruandês iniciou um processo contraditório de trégua com os tutsi. Representantes do governo (envolvidos com a *Akazu*), junto à representantes da FPR (força paramilitar de resistência tutsi), recorreram ao Conselho de Segurança da ONU, liderado pelos Estados Unidos, para dar prosseguimento aos acordos de paz em Ruanda, com apoio da França na cidade de Arusha na Tanzânia - que era considerada um território neutro.

Concluídas as negociações, o governo ruandês fechou o cerco à FPR e implementou uma série de medidas que, indubitavelmente, deixou em suspeitas as pretensões de passividade. Como destacou Thiago Rodrigues de Melo¹¹, no telegrama emitido pelo General Dallaire ao Secretário Geral da ONU em 11 de janeiro de 1994 havia indícios da possibilidade de uma guerra civil.

¹⁰MATTOS, Vívian Cantanhede. **O conflito de Ruanda: Uma breve análise da atuação da ONU**. 2007. 54 f. Monografia (Especialização) - Curso de Relações Internacionais, Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Uniceub, Brasília, 2007.

¹¹MELO, Thiago Rodrigues de. **Ruanda: o holocausto que as Nações Unidas ignoraram**. 2004. 123 f. Monografia (Graduação) - Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2004.

O telegrama menciona que, de 1990 a 1993: (1) ocorreram ondas de assassinato de tutsis (chamados de *inyenze- baratas*), hutus considerados “cúmplices do inimigo” (*ibyitso*) e hutus contrários ao governo; (2) Em 1993, após os Acordos de Paz, os Cartões de Identidade constando a “etnia” tornaram-se obrigatórios, além disso, os tutsis foram obrigados a se registrarem em centros organizados pelas *interhamwes*; (3) A RTLM – rádio conhecida por seus discursos de ódio aos tutsi – foi criada pelo governo ruandês quatro dias após a assinatura do Acordo de Paz de Arusha (4) junto da RTLM, foi difundido (por meio desta) o movimento “Poder hutu”, pregando a união de todos hutus de Ruanda –bem como a perseguição de tutsis; (5) no início de 1992, Habyarimana criou as *Interhamwe* “aqueles que atacam unidos”, compostas apenas por hutus, e iniciou seu treinamento militar.

Em 1993 o Coronel Théoneste Bagosora, comandante da milícia, concluiu que armas de fogo eram muito caras para serem distribuídas a todos os membros da *Interahamwe* e começou a armá-los com facões e *mazus*¹⁴ (um tipo de tacape de madeira cravejado de pregos na ponta).¹²

Os acontecimentos apresentados fornecem um panorama de que o conflito civil desencadeado em 1994 não ocorreu ao acaso. Além disso, Dallaire relatava em seu telegrama que políticos do MRND (partido criado pelo General Habyarimana, anteriormente citado) participavam de manifestações hutu em Kigali; o MRND financiava o treinamento de “alto nível militar” das *interhamwes*; e estas, desferiam provocações aos soldados belgas, supostamente para forçar sua retirada de Ruanda. Dellaire também mencionou que tutsis buscavam refúgio nos acampamentos da ONU e que ele tinha um informante sob sua proteção, que sabia da localização de um carregamento com 135 armas. Vale destacar que este informante era do mais alto escalão do governo de Habyarimana, além disso, era o homem responsável pelos treinamentos das *interhamwes* e foi ele próprio quem veio ao seu encontro, pois pressentia a possibilidade de uma matança sistemática em Ruanda¹³.

Em março de 1994, segundo o relato de Philip Gourevitch em seu livro, Hassan Ngeze, o dono do periódico de oposição interna a Habyarimana, de nome *Kangura*, exortava a todos para que comprassem seu jornal, cuja manchete de março dizia:

“Habyarimana vai morrer em março”. Abaixo, uma charge retratava o presidente como amigo dos tutsis e cúmplice da FPR, e o texto da matéria explicava que ele não

¹²Human Rights Watch. **Leave None to Tell the History – Genocide in Rwanda**, março/1999. Op. cit. Disponível em: <<http://www.hrw.org/reports/1999/rwanda/index.htm>> Acesso em: 17/11/18.

¹³MELO, Thiago Rodrigues de. **Ruanda: o holocausto que as Nações Unidas ignoraram**. 2004. 123 f. Monografia (Graduação) - Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2004.

seria “morto por um tutsi”, mas por um “hutu comprado pelas baratas”. O *Kangura* propunha um cenário espantosamente semelhante aos esquemas descritos pelo informante no fax de Dallaire – o presidente assassinado “durante uma celebração pública” ou “durante um encontro com seus líderes.”¹⁴

O Presidente Habyarimana retornava de uma reunião na Tanzânia, na qual prometera anunciar que assim que voltasse para Ruanda, instauraria um governo de transição, que contaria com a participação de pelo menos cinco ministros indicados pela FPR.

No dia 06 de abril de 1994, o avião presidencial foi atingido por um míssil e explodiu em voo, enquanto sobrevoava Kigali. Os destroços da aeronave caíram no terreno do próprio Palácio Presidencial¹⁵. Não houve sobreviventes, nem investigações sobre os envolvidos na queda do avião; no entanto, em menos de uma hora, representantes do Poder hutu foram à RTLM e culparam os tutsis pelo assassinato.

Este acontecimento desembocou diversas reações em distintas regiões do país. As principais vias de Kigali estavam repletas de bloqueios e as *interhamwes* iniciaram o morticínio que durou cem dias (06/04/1994 – 04/06/1994), ceifando a vida de 800 mil pessoas.

Sometimes in April

Os primeiros segundos de *Sometimes in April* apresentam ao público uma frase de Martin Luther King, que se torna epígrafe para uma possível interpretação do filme: “*No fim, nós não nos lembraremos das palavras dos nossos inimigos, mas do silêncio dos nossos amigos*”. O telespectador que se propõe a assistir ao filme, sem saber do ocorrido em Ruanda, pode questionar-se a respeito da representação que ele propõe. Enquanto a tela escura ganha cores e torna-se um mapa centrado em Ruanda, a resposta a esse possível questionamento lhe é entregue:

Por séculos, os hutus, os tutsis e os Twas compartilharam a mesma cultura, a mesma língua e a mesma religião. Em 1916, a Bélgica tomou o controle de Ruanda da Alemanha e instalou um rígido sistema colonial de classificação racial e de exploração. Ao elevar os tutsis sobre os hutus, criaram profundo ressentimento na maioria hutu. Em 1959, os belgas passaram o controle de Ruanda para a maioria hutu. Com a independência, vieram décadas de segregação institucionalizada e de massacre contra os tutsis. Centenas de milhares de tutsis e hutus moderados foram forçados ao exílio. Em 1988, alguns desses refugiados formaram um movimento rebelde chamado Frente Patriótica Ruandesa (FPR) para reivindicar sua terra pátria. Em 1990, a partir de sua base em Uganda, a FPR lançou uma ofensiva contra o regime hutu que foi interrompida com apoio militar francês e belga. Um ciclo mortal de guerra e massacre

¹⁴GOUREVITCH, Philip. **Gostaríamos de informá-lo de que amanhã seremos mortos com nossas famílias: histórias de Ruanda**. SP: Companhia das Letras, 2006. p.107

¹⁵*Ibidem*. p. 108

continuou até 1993, quando as Nações Unidas negociaram um acordo de partilha de poder entre os dois lados. Para proteger seu poder, extremistas hutu linha-dura resistiram à implementação dos acordos e planejaram um dos mais aterrorizantes genocídios da história.¹⁶

Esta introdução é uma súpula do desenvolvimento dos acontecimentos que trabalhamos anteriormente. Deste modo, o telespectador que desconhece a história por trás do genocídio pode, de modo sucinto, receber brevemente alguns de seus antecedentes: como o fato da identidade étnica ruandesa ser criada pelos colonizadores alemães e exacerbada pelos belgas, que favoreceram os hutus no processo de independência e na consequente onda de violência contra os tutsis - o narrador destaca que a violência teve antecedentes, e não que ela tenha eclodido apenas em 1994 -; além disso, a presença de uma negociação pela paz – os Acordos de Arusha, anteriormente discutidos –, da comunidade internacional e da FPR – um exército organizado por tutsis exilados alocados em Uganda -, mesmo que esta apareça apenas no final do filme, quando um soldado resgata um menino refugiado no pântano.

Uma produção da HBO, dirigido por Raoul Peck – cineasta haitiano e Ministro da Cultura do Haiti de 1996 a 1997 -, *Sometimes in April* é um telefilme¹⁷ que conta a história de Augustin Muganza (Idris Elba), um ex-capitão das Forças Armadas Ruandesas que perde sua família e amigos no genocídio e busca compreender o que ocorreu em 1994, bem como a participação de seu irmão, Honore Muganza – ex radialista da RTL, preso para julgamento no Tribunal de Arusha - no morticínio. O filme foi produzido com uma parceria entre Estados Unidos e França e contou com um elenco variado, composto por atores Ingleses, Franceses, Congolese, Etíopes, Senegaleses, Belgas e Norte Americanos.

O filme, quando traduzido para o português, recebeu o nome “*Abril Sangrento*”; o que pode dispersar um pouco do sentido original, tendo em vista que “*Sometimes in April*” é uma frase que Augustin repete ao longo de todo o filme, quando fala de suas memórias e dos sentimentos que tem a cada abril que passa, com suas chuvas, silêncio e angústia que a sociedade retoma por lembrar da época em que o genocídio começou. Assim, a tradução do nome não apenas faz com que ele perca um pouco dessa primeira mensagem, relacionada com uma fala que se repete, mas também perde parte de sua carga emocional.

Sometimes in April entrou em circulação no ano de 2005, onze anos após o genocídio de Ruanda. Como dito anteriormente, este filme não foi o único a ser produzido no período; filmes como *Hotel Ruanda* (Hollywood - 2005), *Tiros em Ruanda* (Istambul – 2005), *Tensão*

¹⁶ **Sometimes in April**. Direção: Raoul Peck. Distribuição HBO Films. 2005.

¹⁷ Filme lançado na televisão (e que não passou nos cinemas)

em *Ruanda* (Montreal – 2006), *Apertando as Mãos do Diabo* (Canadá – 2007), dentre outros, também foram produzidos com o intuito de representar o conflito civil, o que demonstra em certos aspectos um interesse social por essa história. No entanto, uma característica comum a todos os filmes supracitados é a representação da violência exacerbada, mesmo que seus personagens principais sejam, por vezes, hutus que não aceitem a violência contra seus semelhantes. Até o presente momento não há divulgação, ou filme produzido no Ocidente, que retrate o período – ou outros períodos da história de Ruanda - sem abarcar cenas de violência ou de forma que deixe os assassinatos e tensões implícitas, e destaque outros aspectos sociais.

Deste modo, estes filmes tendem a essencializar a cultura ruandesa e explorar um único evento na história de Ruanda, no qual a maldade foi banalizada, tornando-a comercializável enquanto produto cinematográfico. Uma possível explicação para esse fato assenta no Ocidente buscar estereotipar ainda hoje o continente africano como local de barbarismos e um subdesenvolvimento atenuado. Indubitavelmente, trazer tais narrativas às telas de cinema são frutos de escolhas de cineastas e de uma indústria cinematográfica, o que pode ser articulado com o racismo e preconceito que limita a visão, sob a égide de um pós colonialismo ainda fundamentado na narrativa de barbarismos e incapacidade de africanos gerir seus autogovernos em países na África.

No filme *Sometimes in April*, temos um caso misto, que apesar de explorar a violência, destaca a não aceitação de muitos hutus a participar do morticínio, frisando que eventos de violência exacerbada também ocorreram em países asiáticos e na Europa, tida como civilizada, como destacado pelas palavras de Bill Clinton nos minutos iniciais do filme. Assim, o Raoul Peck conseguiu não apenas exercer sua escolha de representar Ruanda durante o genocídio, com a dicotomia morte / luta pela vida, mas abriu margem para uma interpretação que isto não é restrito a um país do continente africano, mas comum a todo país que permite-se governar pelo ódio a grupo (s) distinto.

No entanto, consideramos que assim como a escrita da História, a produção cinematográfica é baseada em recortes, selecionando e excluindo informações e acontecimentos. Decidimos trabalhar com *Sometimes in April* que se apresenta como uma fonte que possibilita contemplar pontos considerados nesse trabalho ao remontar ao período pré-colonial; discutindo a fluidez das classificações ditas “étnicas”; e destacando o papel da segregação e progressão do ódio entre tutsis e hutus antes e durante o genocídio –que é uma situação muito complexa e, por vezes, acaba por reduzir tudo a uma binaridade durante o genocídio.

Sometimes in April recorre à sua composição, outros documentos que ajudam a ratificar a ideia que escolheu passar. Neste aspecto encontramos uma entrevista de Bill Clinton narrando como refugiados abrigados em igrejas, hospitais e escolas, foram mortos pelas *interhamwe*, fossem eles tutsis ou hutus. Os primeiros, mortos pelo simples fato de ser tutsis; os segundos, por proteger os perseguidos ou por não aceitar ter de matar pessoas que, por anos, foram seus amigos, vizinhos e professores.

Nesta mesma entrevista, Bill Clinton destaca que a barbaridade que ocorreu em Ruanda, também ocorreu em outros locais do Mundo – até mesmo na Europa, por muito tempo considerada como “civilizada” e distante de “barbarismos” – um discurso explorado ainda na época colonial. A inserção deste vídeo original no filme é um elemento importante¹⁸, pois abre margem a um questionamento sobre as ideias preconceituosas a respeito do continente africano como local de guerra, fome e doenças:

É importante todo mundo saber que estes assassinatos não foram espontâneos nem acidentais. Não se trata de um fenômeno africano, nem deve ser visto como tal. Vimos na Europa Industrializada. Nós vimos isso na Ásia. A vigilância deve ser global. Nunca mais devemos agir timidamente face às provas.¹⁹

Sua última frase, “Nunca mais devemos agir timidamente face às provas” remete à postura do Secretário Geral da ONU diante do telegrama do General Dellaire, discutido anteriormente, no qual relata o perigo de uma guerra iminente.

O personagem principal do filme – Augustin Muganza – é um Capitão hutu das Forças Armadas de Ruanda (FAR), casado com uma tutsi (situação comumente retratada em filmes sobre o tema) que, junto de seu amigo Xavier, desafia ordens superiores para salvar suas famílias. Vale destacar que as FAR recrutavam massivamente os hutus para suas tropas, - uma norma dos Dez Mandamentos hutus - e eram comandadas pelo general Habyarimana, morto na queda de seu avião presidencial.

Sometimes in April destaca a fluidez entre os grupos sociais de Ruanda em uma única família, facilitando que o telespectador visualize que o caso ruandês é muito mais que uma oposição binária. Ou seja: na mesma família temos Augustin Muganza, hutu “moderado” casado com uma tutsi; seu irmão Honoré Muganza, radialista da RTLM; e seus três filhos hutus –pois a sociedade ruandesa é patrilinear. Vale destacar que tais identidades são criadas - como

¹⁸*Sometimes in April* contém diversas cenas e áudios originais da RTLM em Ruanda e NBC nos EUA, para corroborar a ideia que o filme busca passar ao telespectador.

¹⁹Bill Clinton, In.: **Sometimes in April**. Direção: Raoul Peck. Distribuição HBO Films. 2005. 4:17-5:24min.

discutido anteriormente -, em que os termos tutsi e hutu não tinham conotações étnicas em suas origens, mas designavam respectivamente grupos tradicionalmente vinculados, à criação de gado e à agricultura. O fato destas divisões tornarem-se étnicas²⁰ reflete as intenções de dominação dos europeus, que aproximaram-se mais dos tutsis, conferindo-lhes direitos e postos no governo durante o período dos domínios imperialistas Alemão e Belga em Ruanda.

Consideramos para essa análise que o filme pode ser dividido em duas partes: (1) a escalada de tensões e (2) o genocídio. Quanto aos eventos do pós-genocídio, estes são distribuídos ao longo de todo o filme, quebrando a cronologia dos fatos e priorizando um formato dinâmico aos jogos de poder, interesses internacionais e manipulação social em Ruanda.

A primeira parte – a escalada de tensões - inicia-se com Honoré Muganza que, apesar de ser coadjuvante, tem um papel fundamental: ele nos mostra que muitos acreditavam na ideologia do Poder hutu, participando de perseguições e assassinatos sistemáticos e que, somente depois de muito tempo perceberam que foram severamente influenciados. É com sua participação que os antecedentes do genocídio têm início no filme, em uma cena na qual discursa na RTLM a respeito dos colonizadores belgas e sua suposta união com os tutsis contra os hutus, enquanto a FAR distribui armas aos civis, as *interhamwes*. Neste momento, Augustin ainda desempenha seu papel como Capitão na FAR, treinando os civis contra ataques da FPR, sem ao menos saber que treinava seus carrascos. Vale destacar que na literatura que tivemos acesso, não obtivemos informações sobre até que ponto fatos como este ocorreram; no entanto, temos conhecimento de que as FAR recrutavam somente hutus – vide o 7º Mandamento hutu - ; mandamento este que torna bem vívida a presença dos 10 Mandamentos hutus, no momento em que Jeanne (esposa de Augustin) lhe entrega o panfleto com os mandamentos, no qual o sétimo mandamento está circulado.

Esta cena evidencia ao telespectador que a violência fora institucionalizada por leis que circulavam e eram impostas à sociedade. Este é um diferencial do filme, tendo em vista que geralmente, as produções sobre o tema apenas retratam a violência sem mostrar que existiam leis, ordens, para que fossem perpetradas.

²⁰ Vale destacar que o debate sobre o termo etnia é dissertado por alguns estudiosos sobre História da África. Jean-Loup Amselle e Elikia M'Bokolo destacam no livro pelos meandros da etnia que o uso do termo periga essencializar culturas africanas que são extremamente complexas. Devido a isso o termo precisa ser contextualizado e constantemente problematizado. In.: MSELLE, J. L.; M'BOKOLO, E. (Coord). **Pelos Meandros da Etnia: Etnias, Tribalismo e Estado em África**. Trad. Narrativa Traçada. Luanda: Edições Pedagogo e Edições Mulemba da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, 2014.

Os Dez Mandamentos estão presentes e identificáveis no decorrer de todo o filme; como por exemplo, o fato de hutus não poderem se relacionar com mulheres tutsis - tidas como impuras -; o fato das FAR não recrutarem tutsis; o dever de todo hutu não ter compaixão com tutsis, dentre outros. A representação dos Dez Mandamentos hutus destaca a carga de doutrinação que os hutus estavam sujeitos, participando ou não do genocídio; tendo em vista que os que aceitavam os mandamentos disseminavam-no e participavam do morticínio, e os que não compactuavam, tinham ciência de que seriam perseguidos, pois seriam considerados “hutus moderados” ou “traidores”.

O filme também articula o decorrer do conflito e a postura da comunidade internacional. No filme, temos o noticiário da noite da NBC (original), no qual o âncora Brian Williams inicia a matéria com a seguinte frase “Os combates continuam na pequena nação africana de Ruanda e aumenta a preocupação de evacuar americanos e outros estrangeiros.”²¹ Além desta cena, temos outras com diálogos no Departamento de Estado Americano, no qual seus membros abandonam Ruanda à própria sorte.

Esta cena é emblemática em muitos os filmes que abarcam o tema. Não apenas pelo fato de retratar uma postura adotada, mas por ter sido a única alternativa – dentre as três – que o Secretário Geral da ONU apresentou no dia 20 de abril de 1994, cuja postura acarretaria na facilitação do morticínio. Como bem destacou Thiago Rodrigues de Melo:

1. Assumindo que não havia uma previsão realista de os dois lados do conflito concordarem com um cessar-fogo em um futuro imediato, combates e massacres somente poderiam ser impedidos por um imediato e massivo reforço da Unamir e uma mudança em seu mandato para permitir a coerção das partes envolvidas a um cessar-fogo. Isso faria necessário muitos milhares de soldados adicionais e que fossem concedidos à Unamir poderes sob os auspícios do Capítulo VII41 da Carta das Nações Unidas.
2. Alternativamente, um pequeno grupo, liderado pelo comandante da missão, permaneceria em Kigali para agir como mediador entre as partes em uma tentativa de conduzi-las a um cessar-fogo. (...) O número total de pessoal militar seria de aproximadamente 270.
3. Finalmente, o Secretario-Geral apontou que a Unamir poderia ser retirada completamente, apesar de não favorecer essa alternativa. O custo dessa retirada em vidas humanas seria muito alto(...)²²

Vale lembrar que o General Dallaire emitiu um telegrama o Secretário Geral da ONU, Boutros-Ghali, em 11 de janeiro de 1994, no qual pedia ao órgão uma postura mais firme frente à situação do país, alertando quanto à possibilidade de uma Guerra Civil.

²¹**Sometimes in April.** Direção: Raoul Peck. Distribuição HBO Films. 2005.32min

²²MELO, Thiago Rodrigues de. **Ruanda: o holocausto que as Nações Unidas ignoraram.** 2004. 123 f. Monografia (Graduação) - Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2004.

O Secretário Geral, além de não autorizar nenhuma mobilização, solicitou a Delleire que informasse ao presidente de Ruanda sobre as informações que tinha conhecimento – o que é controverso tendo em vista que o Estado envolveu-se no conflito – e não repassou as informações que recebeu do General Delleire aos membros do Conselho de Segurança:

Nenhum dos telegramas do Gen. Delleire foi apresentado às reuniões do Conselho e informações filtradas eram repassadas a seus membros, escondendo a gravidade dos avisos e a urgência dos pedidos de Delleire. “Éramos mantidos no escuro”²³, afirmou o embaixador da Nova Zelândia, Colin Keating, que era o presidente do Conselho de Segurança em abril de 1994, mês em que o genocídio teve início.²³

Posteriormente foi divulgado que o Secretário Geral reteve informações e que a missão de paz em Ruanda fora administrada sem o conhecimento pleno do que ocorria por parte dos demais integrantes do Conselho de Segurança. Isto pode ser ratificado se confrontarmos a resposta do Secretário Geral ao telegrama de Delleire e as resoluções do Conselho sobre a situação de Ruanda²⁴.

O filme retrata ainda o período posterior ao supracitado, no qual o cenário internacional já tinha ciência do que ocorria em Ruanda e exigia explicações e posturas frente às mortes. Uma das cenas que retrata tal postura é, na realidade, um vídeo original inserido no filme, no qual a Porta-voz do Departamento de Estado Americano, Christine Shelly, resiste a admitir que o que ocorreu em Ruanda foi um genocídio, pregando que ocorreram “atos de genocídio”. No fim, o repórter que a entrevista destaca a Convenção para a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio, minando seus argumentos.

O diálogo entre Christine Shelly e o correspondente da Reuters, Alan Elsner, tornou-se conhecido como uma das manifestações mais evidentes do cinismo ocidental em relação ao genocídio em Ruanda, já amplamente relatado e denunciado, em meados de junho de 1994, sobretudo por organizações não governamentais, mas também por serviços de inteligência, como a própria CIA. A recusa deliberada do uso do termo “genocídio” definiu a postura reproduzida por diferentes instâncias do governo de Bill Clinton, e sua evidência, na coletiva reproduzida em *Sometimes in April*, torna-se ainda mais contundente devido ao uso da expressão “atos de genocídio” como se fosse um eufemismo.²⁵

²³MELO, Thiago Rodrigues de. **Ruanda: o holocausto que as Nações Unidas ignoraram**. 2004. 123 f. Monografia (Graduação) - Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2004.

²⁴Não tivemos acesso às fontes originais, no entanto, Thiago Melo fornece os telegramas em seu estudo no Anexos “A” (p.93-97). In.: MELO, Thiago Rodrigues de. **Ruanda: o holocausto que as Nações Unidas ignoraram**. 2004. 123 f. Monografia (Graduação) - Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2004.

²⁵RIBEIRO, Marcelo Rodrigues Souza. *Sometimes in April: Cinema, memória, imaginação*. DE JESUS, S. (Org). **Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos**. Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015.

Segundo a Convenção para a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio, aprovada em 09 de dezembro de 1948 pela ONU, é considerado “crime de genocídio” todo e qualquer ato que, cometido em tempos de paz ou guerra, tenha por objetivo a destruição, no todo ou em parte, de grupos nacionais, étnicos, raciais ou religiosos.²⁶

Sometimes in April é um filme que concerne muitos detalhes, com inúmeras falas, trechos e inserções de áudios e vídeos originais carregados de significado, mas, acima de tudo, é um filme político que eleva a denúncia da imobilidade da ONU a níveis institucionais, destacando sua estagnação desde suas reuniões, à comitiva de imprensa de Christine Shelly e às ordens de “apenas observar” em solo Ruandês. Destaca ainda a participação da França no armamento hutu; a compra de facões da China, sob a justificativa de fornecer ferramentas de trabalho aos agricultores; o combate entre FAR e FPR; o Poder hutu; a real complexidade da oposição entre tutsis e hutus.

Deste modo consideramos que o filme tem um caráter de problematizar uma versão do ocorrido. O filme, em alguns aspectos, segue o Tribunal de Arusha e a sociedade ruandesa ao trazer um reconhecimento de que o que ocorreu foi um genocídio; combatendo atos semelhantes através da conscientização social; ajudando na construção de uma memória sobre o tema.

Bibliografia

FONSECA, Danilo. **As Concepções Etnocêntricas do Genocídio de Ruanda: a Negação do Sujeito Histórico Ruandês**. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/88794/91680> > Acesso em 20/04/2019.

_____. **Colonialismo em Ruanda: entre a exploração e a valorização (1918-1962)**. Disponível em: < www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/viewFile/4963/3842 > Acesso em 20/04/2019.

_____. **Etnicidade de Hutus e Tutsis no Manifesto Hutu de 1957**. Disponível em: < <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2016v17n26p221> > Acesso em 20/04/2019.

GOUREVITCH, Philip. **Gostaríamos de informá-lo de que amanhã seremos mortos com nossas famílias: histórias de Ruanda**. SP: Companhia das Letras, 2006. p.107

²⁶ [adaptado] MELO, Thiago Rodrigues de. **Ruanda: o holocausto que as Nações Unidas ignoraram**. 2004. 123 f. Monografia (Graduação) - Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2004.

GUZZO, Morgani. **Histórias de Ruanda e o retrato do genocídio**: intersecções entre Jornalismo e Cinema. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2298-1.pdf> > Acesso em 02/03/2019.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Leave None to Tell the History – Genocide in Rwanda**, março/1999. Op. cit. Disponível em: <<http://www.hrw.org/reports/1999/rwanda/index.htm>> Acesso em: 17/11/18.

MATTOS, Vívian Cantanhede. **O conflito de Ruanda: Uma breve análise da atuação da ONU**. 2007. 54 f. Monografia (Especialização) - Curso de Relações Internacionais, Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Uniceub, Brasília, 2007.

MELO, Thiago Rodrigues de. **Ruanda: o holocausto que as Nações Unidas ignoraram**. 2004. 123 f. Monografia (Graduação) - Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2004.

MENDONÇA, Maria Gusmão de. O Genocídio em Ruanda e a Inércia da Comunidade Internacional. **Brazilian Journal of International Relations**. vol.2, nº2, 2013 pp.300-328

MSELLE, J. L.; M'BOKOLO, E. (Coord). **Pelos Meandros da Etnia: Etnias, Tribalismo e Estado em África**. Trad. Narrativa Traçada. Luanda: Edições Pedagogo e Edições Mulemba da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, 2014.

RIBEIRO, Marcelo Rodrigues Souza. Sometimes in April: Cinema, memória, imaginação. DE JESUS, S. (Org). **Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos** . Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015.

WESSELING, H. L. **Dividir para Dominar: a partilha da África (1880-1914)**. Editora UFRJ; Editora Revan, 1998, Rio de Janeiro.